



A Santa Sé

**SAUDAÇÃO DO PAPA FRANCISCO
AOS JOVENS DA DIOCESE DE ROMA
EM BUSCA VOCACIONAL**

*Gruta de Lourdes, Jardins do Vaticano
Sábado, 28 de Junho de 2014*

Antes de tudo peço desculpas pelo atraso, mas a verdade é que não me dei conta do tempo. Estava a manter uma conversa tão interessante que nem me dei conta. Desculpai-me! Isto não se faz, a pontualidade deve ser mantida.

«Agradeço-vos esta visita a Nossa Senhora que é tão importante na nossa vida. Ela acompanha-nos na escolha definitiva, a vocacional, porque também acompanhou o Filho no seu caminho vocacional que foi tão difícil e doloroso. Ela acompanha-nos sempre.

Quando um cristão me diz, não propriamente que não ama Nossa Senhora, mas que não sente a necessidade de a procurar ou de rezar a Ela, sinto-me triste. Recordo certa vez, há quase 40 anos, estava na Bélgica, num convento, e havia um casal de catequistas, ambos professores universitários, com filhos, uma linda família, e falavam de Jesus Cristo tão bem. Mas, num determinado momento perguntei: «E a devoção a Nossa Senhora?». «Mas nós superamos esta etapa. Conhecemos tanto Jesus Cristo que não precisamos de Nossa Senhora». E o que me veio à mente e ao coração foi: «Pobres órfãos!». É assim, não é? Porque um cristão sem Nossa Senhora é órfão. Também sem a Igreja é órfão. O cristão tem necessidade destas duas mulheres, duas mães, duas virgens: a Igreja e Nossa Senhora. E para fazer o teste de uma vocação cristã correcta é preciso perguntar-se: «Como vai a minha relação com estas duas mães que tenho?», com a mãe Igreja e com a mãe Nossa Senhora. Este não é um pensamento de «piedade», não. É teologia pura. Esta é teologia. Como vai a minha relação com a Igreja, com a minha mãe Igreja, com a santa mãe Igreja hierárquica? E a minha relação com Nossa Senhora, que é a minha mãe?

Isto é bom: nunca a deixeis e não caminheis sozinhos. Desejo-vos um bom caminho de

discernimento. Para cada um de nós o Senhor reserva uma vocação, um lugar no qual Ele quer que vivamos a nossa existência. Mas é necessário buscá-lo, encontrá-lo; e depois continuar, ir em frente.

Gostaria de acrescentar algo mais — além da Igreja e de Nossa Senhora — o sentido do definitivo. Isto para nós é importante porque vivemos uma cultura do provisório: isto sim, mas por algum tempo, e para outro tempo... Casas-te? Sim, sim, mas até que o amor dure, depois cada um na própria casa de novo...

Um jovem — contou-me um bispo — um jovem profissional, disse-lhe: «Gostaria de ser sacerdote, mas só por dez anos». É assim, é o provisório. Temos medo do definitivo. E para escolher uma vocação, uma qualquer, até aquelas «de estado», o matrimónio, a vida consagrada, o sacerdócio, devemos ter uma perspectiva do definitivo. E a isto opõe-se a cultura do provisório. É uma parte da cultura que temos de viver nesta época, mas vivê-la e vencê-la.

Muito bem. Também sobre este aspecto do definitivo, acredito que quem tem mais garantida a estrada definitiva é o Papa! Porque ele... onde acabará o Papa? Ali, naquele túmulo, não?

Agradeço-vos muito esta visita e convido-vos a rezar a Nossa Senhora ou, não sei, a cantar... A «*Salve Rainha*»... Sabeis cantá-la? Cantemos a «*Salve Rainha*» a Nossa Senhora todos juntos? Vamos!

(*Canto...*).

Agora a vós, às vossas famílias, a todos concedo a Bênção e peço-vos, por favor, rezai por mim.

(*Bênção...*).

Obrigado a vós! Muito obrigado! Feliz caminho!